

Marcílio tenta apoio para a dívida

Washington — O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, aproveitou o dia de ontem para visitar o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, num dos gabinetes do prédio do Fundo Monetário Internacional (FMI), nesta cidade, onde ambos participam da reunião semestral da entidade, para discutir a possibilidade do apoio político do governo daquele país para o encaminhamento da renegociação da dívida externa brasileira com os bancos credores privados dos países ricos.

Marcílio, num dia cheio de compromissos, ainda manteve uma reunião com o diretor-gerente do Fundo, o francês Michel Camdessus, que na semana passada ressaltava que o Brasil deveria promover logo um ajuste fiscal para superar suas dificuldades com relação ao déficit público. No dia seguinte, antes de embarcar para a capital dos EUA, Marcílio concordava com a observação de Camdessus, um dos defensores do acordo *stand-by* entre o Brasil e o Fundo.

Durante a reunião de ontem do FMI os ministros dos países latino-americanos, entre eles Alejandro Foxley, do Chile, presidente do Comitê de Desenvolvimento da entidade, defendeu a liberdade comercial internacional para que cresçam as exportações dos países endividados. Foxley, que falou ao lado de Camdessus, criticou o protecionismo da Comunidade Européia, EUA e Japão, que estariam bloqueando a Rodada Uruguai do Gatt, apesar de na retórica diplomática afirmarem exatamente o contrário.

Desde que chegou a Washington, no domingo, a principal preocupação do chefe da equipe econômica brasileira tem sido buscar o apoio dos organismos financeiros internacionais e dos governos dos países industrializados para concluir um acordo de redução e reestruturação da dívida externa com os bancos privados compatível com o programa de estabilização negociado com o Fundo Monetário Internacional.

Marcílio disse que já recebeu sinais favoráveis do diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, e do presidente do banco da

Externa
França, Jacques de Larosiere. Ele manteve ontem várias reuniões separadas sobre o tema com outros representantes do setor. Esteve com o subsecretário do Tesouro dos EUA, David Mulford, com o diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, Steri Beza, e com o diretor do Tesouro francês e secretário do Clube de Paris, Jean-Claude Trichet.

Armado do apoio oficial, o ministro deveria ter uma conversa com William R. Rhodes, o vice-presidente do Citicorp que comanda o comitê de bancos credores. A expectativa na equipe econômica era de que o envolvimento pessoal e direto de Marcílio nas negociações, reclamado por Rhodes, vai aparar as arestas e tornará possível o acordo com os bancos antes que as forças que apostam no fracasso do programa de estabilização tenham produzido o estrago que ensaiaram com o movimento especulativo da segunda-feira.

Salário — O ministro Marcílio evitou falar ontem sobre as discussões do aumento do salário mínimo entre o Executivo e o Congresso. Seus assessores disseram que ele tem acompanhado de perto o assunto, em contatos com o secretário de Política Econômica, Roberto Macedo, e através de conversas telefônicas que tem tido diariamente com o presidente Fernando Collor.

O ministro, que na segunda-feira classificou o mínimo de Cr\$ 230 mil mensais oferecido pelo Governo de inegociável, disse que não se envolveu diretamente nas discussões depois que chegou em Washington para participar das reuniões semestrais do FMI e do Banco Mundial e cumprir uma carregada agenda de encontros.

Marcílio afirmou mais uma vez que o Governo não se desviará das metas fiscais e monetárias do programa econômico e previu que a inflação continuará a cair. Os indicadores convergem para uma taxa de 20 por cento em abril e bem mais baixa, de 17 por cento, 18 por cento, em maio, disse ele durante um almoço organizado por três centros de pesquisas e estudos que se interessam pelas relações entre os EUA e a América Latina.